

O que pode a vida?

A relação entre o poder da moral e a potência da vida¹

Ursino Neto

“O que era então a vida? (...)
Não era nem matéria nem espírito.
Era qualquer coisa entre os dois,
um fenômeno sustentado pela matéria,
tal e qual o arco-íris sobre a queda d’água,
e igual à chama. (...)
coisa que se chamava carne
e se convertia em forma,
em imagem sublime, mas ao mesmo tempo,
era o princípio da sensualidade e do desejo”.
Thomas Mann, *A montanha mágica*.

“A força do tempo é o que aumenta ou diminui o poder da vida”. Gilles Deleuze, *Curso sobre verdade e tempo, o falsário*.

SUMÁRIO

- 1 Considerações iniciais
 - 1.1 Situando o contexto do tema
 - 1.2 Objetivo do texto didático
- 2 O valor atribuído à vida
 - 2.1 A fonte da filosofia
 - 2.2 A fonte da religião
 - 2.3 A fonte da ciência
 - 2.3.1 A representação do ser vivo: o vitalismo
 - 2.3.2 O nascimento da biologia
 - 2.3.3 A ciência contemporânea explica a vida
 - 2.3.4 A questão moral e a biologia
 - 2.4 A fonte da política
- 3 A vida tem o seu próprio valor
 - 3.1 Friedrich Nietzsche
 - 3.2 Georges Canguilhem
 - 3.3 Dina Czeresnia
- 4 Considerações finais
 - 4.1 As implicações da pesquisa para o saber da *ética-da-vida* ou *aionética*

1 Considerações iniciais

1.1 Situando o contexto do tema

A filosofia compreende o *fenômeno ético* como um acontecimento em que se situam dois polos interligados: a moral (diz respeito ao *ethos*) e a ética (concernente ao *Ethos*).

¹ Texto didático 5 (graduação, 2020.1), uma referência para produzir um *exercício de experiência ética*.

O saber da bioética com o sentido de *ética-da-vida* ou *aionética* trata da relação entre *vida* (concebida como *aión*) e *ética* (concernente ao *Ethos*).

A pesquisa desenvolvida neste texto didático busca ampliar o horizonte de nossa compreensão estudando o outro polo que a interpretação filosófica clássica denomina de *ethos*².

Portanto, estudará a moral³ e a sua relação com a vida.

Dentre todos os viventes, somente o *Homo sapiens* é capaz de problematizar sobre o que é a natureza da vida, qual é o seu significado e o seu valor ou sentido.

Arte, mito, religião, filosofia, educação, política, ciência, além de outros, são campos ou dimensões culturais que, desde os primórdios do nascimento do homem neste planeta, o auxiliam na procura incessante para justificar o seu percurso de viver.

As respostas da busca são produzidas por cada uma dessas fontes originais a partir de saberes que as constituem e de acordo com os seus interesses e o seu poder.

O cerne da análise correlacionando vida e moral é o tema do valor. Esta temática implica a relação entre poder e saber; logo, se exige uma investigação com as características da genealogia⁴.

O que é o *valor*?

Valor é *interpretação*. Interpretar é atribuir, determinar, estabelecer um significado para *algo* (qualquer coisa real ou imaginária) fazendo dele derivar um valor ou sentido.

Conhecer, explicar a natureza deste algo e estabelecer o seu valor são atos inter-relacionados, porém distintos.

O comando, o *poder de uma interpretação* pertence ao sistema de pensamento hegemônico capaz de estabelecer o valor deste algo em determinado momento da história.

A *moral* é um *sistema de valores*. Ela atua por meio dos dispositivos da cultura.

Um dispositivo é uma rede que articula um complexo heterogêneo de elementos discursivos como regulamentos institucionais, leis, medidas administrativas, enunciados científicos ou determinações normativas visando a um objetivo estratégico da fonte originária (filosofia, religião, ciência, política...).

Assim, cada dimensão da cultura produz a sua moral como um conjunto de referências ou signos que orientam a interpretação, a explicação ou a justificação sobre o fato ou o acontecimento relativo à vida, estabelecendo o seu valor.

Ou seja, as morais são múltiplas e distintas no contexto da realidade social; porém, concebidas como forças buscando a hegemonia, algumas se agregam e se entrelaçam, enquanto outras colidem em conflito.

Mesmo em uma área específica restrita a qualquer desses campos (filosofia, religião, ciência, política...), há interpretações divergentes de acordo com a época, com as instituições e com os diferentes pensadores.

Em resumo, cada uma das morais poderá estabelecer um princípio para a justificativa da vida, por exemplo, para a religião se encontra em um plano metafísico ou sagrado; para a ciência, em uma explicação de base empírica; para a filosofia, em uma coerência de lógica conceitual.

² O *ethos* indica o genitivo objetivo ou o pertencimento à exterioridade (moral), enquanto o *Ethos* é o genitivo subjetivo referente à interioridade (ética).

³ Cf. O texto didático 2: *Bioética com o sentido de Ética-da-vida ou Aionética* para o esclarecimento da interpretação dos conceitos de ética e de moral.

⁴ Cf. O texto didático 1: *Genealogia da Bioética: as fontes originárias e o desafio contemporâneo*.

E para a *arte*, como no belo trecho literário de Thomas Mann citado na epígrafe, o princípio da vida é uma *expressão de liberdade* que nos convoca e encaminha um apelo irredutível à própria singularidade dela.

Tradicionalmente, a moral ao se expressar nos costumes característicos de uma cultura, faz deles critérios para avaliar tanto condutas individuais quanto práticas sociais.

O manto moral instaura o *adestramento*, o *controle*, a *normatização* e a *normalização* do indivíduo e dos grupos sociais por intermédio das instituições como escola, igreja, caserna, hospital, prisão etc.

A moral é utilizada, com frequência, como instrumento da cultura atuando coercitivamente, impondo uma série de interpretações cuja incorporação pelo homem poderá atingi-lo em um grau de magnitude danosa para a sua vida.

A partir da crítica do filósofo Michel Foucault à configuração da subjetividade humana posta no conceito de “assujeitamento” e o seu contraponto investido na atitude de resistência do indivíduo elaborado no processo de “subjetivação”⁵ se coloca a perspectiva da nossa pesquisa cuja problematização nuclear indaga:

Como se compreende a relação de soberania, de domínio da moral sobre a vida? Como é possível à vida não ser subjugada? Qual é a potência dela ou o que pode a vida?

O pressuposto de partida deste estudo é sobejamente conhecido: na história da cultura ocidental, a moral se considera tutora, guardiã, patroa da vida.

Os exemplos de interpretações morais com essas características percorrem um amplo arco abrangendo a filosofia metafísica, passando pela religião tradicional até a economia-política com manifestações explícitas desse modelo autoritário.

Não foi diferente com o advento da ciência na Modernidade, pois ela tratou a vida como um objeto natural semelhante a qualquer outro.

A hipótese a ser investigada na pesquisa busca esclarecer a possibilidade da vida ser uma fonte originária com valor intrínseco com a capacidade de se contrapor às morais que tentam torna-la submissa.

1.2 Objetivo do texto didático

O objetivo do texto didático é estudar o sentido ou o valor da vida em períodos históricos articulando a sua relação com a moral para compreender e ultrapassar o modelo da nossa forma de vida no contemporâneo.

2 O valor atribuído à vida

Seguindo uma trilha genealógica e resguardando os limites do texto didático, aqui se fará uma breve incursão histórica identificando quatro fontes originárias da moral (a filosofia, a religião, a ciência e a política) para estudar e compreender o valor que cada uma atribui à vida.

2.1 A fonte da filosofia

A filosofia na Grécia clássica é a fonte originária do pensamento sobre a temática da vida para a cultura do Ocidente.

Em linhas gerais, naquela época, o vivente ou o ser vivo tinha como principal característica o movimento a partir de si mesmo, “por si mesmo”.

⁵ Cf. O texto didático 3: *O que significa o biopoder? O impacto sobre o indivíduo e a sociedade.*

O conceito de “por si mesmo” era compreendido como uma manifestação da *Physis* porque, para o grego, esta palavra expressava a concepção de “Natureza” e também significava “crescimento autônomo”.

A interpretação não se referia simplesmente à materialidade do ato cinético; mas, sobretudo, à *forma*⁶. Em outras palavras, a *Physis* era a fonte ou o princípio responsável pela *forma do ser* vivente.

Para os chamados “filósofos”⁷ da *Physis*, de um modo geral, a vida era pautada em um conjunto de possibilidades de movimento e de repouso que explicava o ser vivo em um corpo animado.

Entretanto, tal modo de pensamento foi ultrapassado por outra concepção que se tornou hegemônica e estabeleceu um novo conceito de vida denominado de *bíos* (forma de vida).

O trio fundante dessa hegemonia na tradição filosófica ocidental foi Sócrates, Platão e Aristóteles.

Sócrates inaugurou a potência do pensamento tradicional conclamando os atenienses a examinar a própria vida, a cuidar da *psyché*, ou seja, o “cuidar da própria alma” ou “o cuidado de si” como o gesto mais relevante da vida.

Seguindo a trilha socrática, Platão inventou o uso da palavra *bíos* (forma de vida) determinando outro valor para vida, um novo sentido cultural, pois ela passava a ser interpretada não mais como uma simples *zoé* (vida sem atributo), porém agora se tornava uma vida “qualificada”, “modelada” pela potência do *lógos* (pensamento, razão) visando atingir o Bem.

Aristóteles fez a síntese da tradição produzindo uma “biologia metafísica” com outro referente e não mais o Bem. Ele caracterizou o principal valor da vida como sendo a multiplicidade de bens relativos à natureza humana.

A moral predominante dessa fonte originária advém da concepção socrático-platônica⁸ estabelecendo duas dicotomias como princípios fundamentais:

A primeira dicotomia concernia à dualidade existente entre dois mundos.

O mundo em que se vive, isto é, um mundo empírico, de coisas sensíveis, mas de realidade aparente.

E o outro mundo constituído do supra-empírico ou supra-sensível: o mundo das verdades eternas.

Lembrando, tal mundo platônico não é o *Paraíso* de Adão e Eva (criação de Deus de acordo com o manual do catecismo).

A segunda dicotomia era a determinante da supremacia da alma sobre o corpo que perdurou por séculos e chegou até nós, principalmente, pela mediação religiosa.

2.2 A fonte da religião

Seguindo a história, outra fonte originária eclode com a institucionalização da Igreja Católica que, amparada no Império Romano, se tornou pensamento hegemônico durante mais de um milênio na cultura ocidental ao se apropriar da tradição filosófica grega; sobretudo, da socrático-platônica e submetê-la aos seus próprios ditames, com isso impondo a sua própria moral relativa à vida.

Nesse contexto, a dicotomia *alma x corpo* adquiriu contornos extremos.

⁶ Em filosofia, a concepção tradicional mais elementar estabelece a distinção entre forma e matéria. Por exemplo: a bola é redonda (forma) e é feita de borracha (matéria).

⁷ Tais “filósofos” são chamados genericamente de *pré-socráticos*. No tema específico do saber que hoje se denomina *física*, destaca-se Demócrito.

⁸ Aristóteles pode ser estudado como exceção.

A partir do século XVI, o enfrentamento entre a tradição moral da Igreja e a filosofia se torna veemente e nele sobressalta Baruch ou Bento de Espinosa, o príncipe dos filósofos⁹.

Espinosa apresentou uma nova concepção da temática ao escrever um livro denominado de *Ética* em que expunha a sua firme posição contrária àquela dicotomia, pois, para ele, toda a realidade era constituída de um único ser, de uma única substância. Em suas próprias palavras em latim: *Deus sive Natura* (Deus, ou seja: a Natureza).

O médico contemporâneo António Damásio, professor de neurologia nos EUA, referência mundial em neurociências, o destacou e o atualizou ao associar o termo espinosiano *conatus* (força de perseverar) à interpretação do conceito de homeostase: “A tentativa contínua de alcançar um estado de vida regulado positivamente é um aspecto definidor da nossa existência, como dizia Espinosa quando se referia ao inquebrantável comportamento de cada ser para preservar a si mesmo”¹⁰.

2.3 A fonte da ciência

Dentre os diversos campos atuais dos saberes humanos, aquele com o maior valor de explicação é a ciência porque ela utiliza a “experiência” como uma “garantia de verdade”. Seguem tópicos descritivos relacionando aspectos científicos e vida.

2.3.1 A representação do ser vivo: o vitalismo

De acordo com Vera Portocarrero¹¹, até o final do século XVIII, a ciência vigente da época operava pelo prisma do *mecanicismo*, ou seja, a natureza era interpretada como uma máquina gerando uma consequente “naturalização do processo de conhecimento”.

Tal modelo é oriundo de René Descartes (1596-1650). O filósofo francês explicava e justificava os corpos vivos apenas pela extensão e pelo próprio movimento, negando a necessidade de qualquer razão externa ou oculta (inclusive Deus) como princípio de movimento para o vivente.

A partir do pensamento cartesiano, as “leis da física e da mecânica” eram os fundamentos da descrição do não-vivo e também referência de aplicação para os seres vivos. Estes eram estudados em contínuo com o inanimado.

Naquela época, os saberes eram analíticos e comparativos entre si, principalmente, por intermédio do elemento visível formando um quadro de *representação* em que se expressava uma linguagem própria.

No caso dos seres vivos, o saber se chamava *História natural* que estruturava e organizava o conhecimento em sítios de classificações como *tipo*, *espécie* e *gênero*.

No início do século XIX, eclode o fenômeno denominado de *vitalismo*. Tratava-se de um acontecimento conjugando instrumentos de maior potência de observação e acurácia com novos procedimentos de experiência laboratorial.

No vitalismo, afirmou-se uma interpretação não mecanicista da vida, pois ao negar a geração espontânea, isto é, a antiga concepção de que a vida poderia advir do inanimado, do não-vivo, se fez a defesa da existência de uma *força vital* inerente à vida.

Ele foi um dos vetores responsáveis pela afirmação da biologia como ciência.

⁹ Cf. DELEUZE, G. *Espinosa: filosofia prática*. São Paulo: Escuta, 2002.

¹⁰ Cf. DAMÁSIO, AR. *A estranha ordem das coisas: as origens biológicas dos sentimentos e da cultura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018, p. 48.

¹¹ Cf. PORTOCARRERO, V. *As ciências da vida: de Canguilhem a Foucault*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2009, p. 111.

2.3.2 O nascimento da biologia

Até a primeira quadra do século XIX, o mecanismo da representação ainda constituía a base para estudar, observar e caracterizar os viventes, mas a partir da segunda metade daquele século, o quadro organizativo, classificatório e da ordem perde relevância em decorrência de um novo formato de conhecimento da vida e dos seres vivos¹².

A vida passa a ser investigada em todos os níveis, desde o fundamento da sua organização, perpassando tanto o modelo da sua estrutura como as leis inerentes à sua formação e ao seu funcionamento.

A partir de então, o que se problematiza e explora é aquilo em que a vida se decompõe, a sua causalidade e o seu acaso; enfim, a sua origem e a sua própria história.

Assim eclode a ciência denominada *biologia*.

2.3.3 A ciência contemporânea explica a vida

Para a atual ciência da astrofísica o *big bang*, a grande explosão, originou há 14 bilhões de anos um acontecimento “ilimitado”, “multiforme”: o *cosmos* ou o *universo*.

Entretanto, de acordo com Rovelli¹³, o estudo recente da *gravidade quântica* já vislumbra alguma coisa para além dele.

Para o campo da biologia, a eclosão do *fenômeno vida* é muito mais recente, pois os dados indicativos estimam o seu início por volta de 3,8 bilhões de anos atrás.

Os constituintes originários da vida foram inerentes às condições cosmológicas específicas de uma estrela (o Sol) e seu planeta (a Terra) onde determinados elementos essenciais como carbono, hidrogênio, nitrogênio, oxigênio e outros estavam presentes.

Uma estrutura de base química, protegida por uma membrana envoltória, se formou e compôs uma região de “dessemelhança apartada”, atualmente denominada de célula¹⁴.

A vida teve origem dentro desta *primeira célula* como um conjunto de moléculas com afinidades específicas e com reações químicas auto perpetuadoras, repetindo os seus próprios ciclos.

Em resumo, o desenvolvimento do processo vital se efetivou em três etapas primordiais: *metabolismo*, *homeostase* e *seleção natural*.

O metabolismo designa uma “mudança” ou uma “troca de material”, trata-se de um processo físico-químico referente à energia composto de catabolismo (degradação de moléculas resultando em liberação de energia) e anabolismo (produção de novas moléculas consumindo energia).

Dessa condição original, a célula tendeu para um balanço energético positivo adquirindo um *status* que lhe propiciou “prosperar” significando um modo mais eficiente de viver e reproduzir-se associado a um acontecimento ímpar: “o tempo cronológico”, pois concomitante com a vida da célula se projeta, se faz emergir o seu próprio “futuro”.

A homeostase é a segunda etapa processual em que a vida expressa um modo de persistir coetâneo com o avançar. Trata-se do combate à tendência da matéria derivar

¹² Cf. PORTOCARRERO, V. *idem*, p. 60.

¹³ Cf. ROVELLI, C. *A realidade não é o que parece: a estrutura elementar das coisas*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2017, p. 10.

¹⁴ Cf. DAMÁSIO, AR. *A estranha ordem das coisas: as origens biológicas dos sentimentos e da cultura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018, p. 45.

para a “desordem”, superando-a por intermédio da aquisição daquele estado mais eficiente, mantendo-se na “ordem”.

O terceiro período do processo de desenvolvimento vital se explica investigando o seguinte questionamento: como seria possível uma molécula muito complexa, com aquelas características descritas acima, ter se formado espontaneamente a partir da “sopa química primordial”?

Duas principais correntes de pesquisa científica disputam a resposta. Uma se denomina de “replicador primeiro” e a outra de “metabolismo primeiro”.

Na linha de pensamento do “replicador primeiro”, se compreende a “sopa primordial” como origem de moléculas replicadoras, as quais teriam gerado organismos vivos pautados pelo mecanismo da genética sempre acompanhando a marcha da seleção natural ao longo da evolução.

Na corrente do “metabolismo primeiro”, a interpretação define o metabolismo como fator primordial acompanhado de fenômenos fortuitos que se conjugaram em dois vetores de expressão: “um modo de regulação interna da vida com organização central e um modo de transmissão genética da vida que suplantou a simples divisão celular”¹⁵. Aqui a vida é gerada a partir “de dentro” em um acontecimento denominado “autopoiese”.

Erwin Schrödinger, um dos mais brilhantes físicos do século XX, escreveu em 1943 uma obra-prima, um pequeno livro extraordinário: *O que é Vida?*

A sua resposta associava as ciências da biologia e da físico-química.

A problematização era clara: como a física e a química podem explicar os acontecimentos no espaço e no tempo que ocorrem dentro dos limites de um ser vivo?

Para ele, a vida se manifestava como dois processos fundamentais articulados: o primeiro se expressava conduzido a partir de uma lei ou de uma ordenação constante.

Entretanto, a expressão do outro tinha como ponto de partida uma desordem.

Cinquenta anos depois, a sua tese foi avaliada por pesquisadores de vários campos científicos¹⁶.

De fato, para a pesquisa que se desenvolve no texto didático, a questão essencial não é definir com precisão o que seja a vida, tampouco identificar dentre os diversos saberes científicos (biologia, química, física, bioquímica etc.) aquele que estabelece a explicação “verdadeira” sobre ela.

Antes de tudo, tal tarefa seria contraditória, ou melhor, inócua devido à impossibilidade de se afirmar uma resposta absoluta que contemplasse todos os ramos da ciência, pois estes utilizam critérios próprios, quer sejam pela variabilidade das descrições em termos comparativamente diferentes, quer seja pelo modo característico como cada área escolhe a sua estratégia de sistematização conceitual.

Em outras palavras, a ciência explica a vida, mas para que isso se agregue à sociedade como um componente da cultura se faz condição necessária uma moral própria capaz de estabelecer os valores do seu interesse, pois há outras morais advindas de outras dimensões (religião, política, filosofia...) disputando a hegemonia em jogo.

2.3.4 A questão moral e a biologia

Por definição, a ciência tradicional se diz neutra, amoral. O método científico se proclama infenso aos humores, emoções, gestos e atitudes humanas. Nada mais falso.

¹⁵ Idem, p. 52.

¹⁶ Cf. MURPHY, M. e O’NEILL, L. (orgs.) “*O que é Vida?*” 50 anos depois: *Especulações sobre o futuro da biologia*. São Paulo: UNESP, 1997.

Para Joshua Greene¹⁷, o método científico está baseado em evidências quando explica o mundo natural. Contudo, disso não se pode aferir que o caráter descritivo da ciência implica em revelar uma essência da moral e, como consequência, que ela se julgue com a autoridade de prescrevê-la.

No entanto, para o pesquisador norte-americano, a moralidade seria uma decorrência biológica.

Explicando melhor: a capacidade do ser humano de compreender, de se adaptar e de agir (moralidade) de acordo com o sistema de regras e de costumes da sua sociedade (moral) é um traço da evolução e da seleção natural com o objetivo de “promover a cooperação *no interior dos grupos* em benefício da *competição entre grupos*”.

2.4 A fonte da política

A *política* neste texto didático não diz respeito à dimensão partidária de Partido A, B ou C; também não se trata de ações óbvias desempenhadas pelo executivo, legislativo ou judiciário.

A interpretação aqui de política é a *estratégia de poder*.

Neste sentido, o filósofo Michel Foucault foi estudado, por nós, pois é o autor do conceito do biopoder ou do poder sobre a vida¹⁸.

Na análise dele, se destaca a problematização de características biológicas (corpo e população) da espécie humana sendo capturadas pelo dispositivo da política; em outras palavras, o poder político submete a vida humana a outros interesses, principalmente, ao da economia.

As três anteriores fontes da moral pesquisadas (filosofia, religião e ciência) surgiram em épocas distintas, mas não se excluíram entre si e ainda hoje influenciam a forma de vida humana contemporânea. Qual a razão disso?

A resposta sucinta: a fonte política é o fio que perpassa todas elas.

Para Giorgio Agamben, filósofo italiano contemporâneo, é necessário aprofundar a pesquisa sobre o biopoder iniciada, mas não desenvolvida por Michel Foucault devido a sua morte prematura.

Agamben realizou de modo magistral uma pesquisa extensa, de quase duas décadas, distribuída em vários livros publicados onde investiga o biopoder como o cerne da história da filosofia política atingindo até os dias atuais.

No primeiro livro¹⁹, há uma reflexão originalíssima entrelaçando os conceitos de poder soberano, de vida natural ou vida nua e de biopolítica.

O ponto de partida é a distinção estabelecida desde a Grécia clássica entre *zoé* (traduzida como vida natural ou vida nua) e *bíos* (tradução de vida qualificada ou forma de vida que permitia o acesso do homem [gênero masculino] à reunião na *polis*, à dimensão da comunidade²⁰).

Agamben mostra que na história do poder na cultura ocidental, a vida nua é o marco singular que identifica a exclusão que caracteriza o uso, ou antes, o abuso da política.

Portanto, a vida nua, a vida dos vulnerados, a vida dos sem posses, dos moradores de rua etc. é considerada pelo poder no jogo político uma peça de inclusão da

¹⁷ Cf. GREENE, J. *Tribos morais: a tragédia da moralidade do senso comum*. Rio de Janeiro: Record, 2018, pp. 191-192.

¹⁸ Cf. O texto didático 3: *O que significa o biopoder? O impacto sobre o indivíduo e a sociedade*.

¹⁹ AGAMBEN, G. *Homo Sacer: o poder soberano e a vida nua I*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

²⁰ Neste sentido, o termo *bíos* poderia ser interpretado hoje como sendo a cidadania política.

excepcionalidade ou, em outras palavras, se a exclusão já é natural; então, a inclusão é um ato de exceção.

Aqui a vida vale nada: trata-se da necropolítica ou a política do deixar morrer²¹.

3 A vida tem o seu próprio valor

O passo seguinte do texto didático será apresentar algumas contribuições empenhadas em interpretar o conceito de vida introduzindo nele o princípio intrínseco do valor implicando na resistência ou na ultrapassagem da imposição moral.

3.1 Friedrich Nietzsche

A partir do século XIX ocorreu uma inflexão decisiva no tema em investigação quando eclodiu um movimento cujas implicações exigiram e redefiniram outra trilha para interpretar o significado de vida.

Aquele acontecimento da cultura europeia é embrionário de um sentimento observado com perspicácia na literatura de Ivan Turgeneiev em *Pais e filhos*²² sendo denominado de *niilismo* e magistralmente sintetizado em uma frase-hipótese proveniente de Fiódor Dostoiévski em *Os irmãos Karamázov*: “Se Deus está morto; então, tudo é permitido”.

Para Friedrich Nietzsche, aquilo que se expressava na fórmula “Deus está morto” era a principal característica do *niilismo* que fazia sucumbir a moral tradicional e os seus valores estabelecidos como absolutos, com isso perdendo a sua autoridade suprema de regulação sobre a vida.

Em obra póstuma, *A vontade de poder*²³, o filósofo alemão escreveu: “A vida não é adaptação de condições internas a externas, mas sim vontade de poder [vontade de potência], a qual, a partir de dentro, submete-se a si e incorpora cada vez mais “exterior””.

A interpretação que se deriva daqui estabelece o valor como algo constituinte da própria natureza da vida.

3.2 Georges Canguilhem

Uma filosofia da biologia é a análise do filósofo e médico francês Georges Canguilhem no livro *O normal e o patológico*²⁴. Lá se concebe o conceito de *normatividade vital* inspirado na interpretação do pensamento nietzschiano.

Para Canguilhem, a vida tem uma marca primária que antecede qualquer valor atribuído por outrem: é a potência dela própria.

Assim, para a vida, a sua *norma* característica original ou autêntica está intrínseca, já pertence a ela antes de qualquer “conscientização do valor”.

Aqui cabe a interrogação: que norma é essa?

Nietzsche havia denominado isso de *vontade de potência*, pois é o que faz a vida evoluir, crescer e se diversificar.

O organismo vivo instaura sempre novas normas constituintes de si próprio porque não é um ente fixo, imóvel, imutável.

²¹ Exemplo cabal se vive atualmente durante pandemia da Covid-19.

²² Neste livro se encontra um personagem típico do exemplo de caricatura moral do cientista ortodoxo.

²³ Para melhor entendimento do conceito, a tradução mais adequada para o português seria “vontade de potência”.

²⁴ Cf. CANGUILHEM, G. *O Normal e o Patológico*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

Então, o normal, a normalidade para o ser humano consistirá em sua normatividade; isto é, a capacidade de adaptação, de variação do corpo às mudanças circunstanciais do meio interno e externo.

Em suma, a vida não é simplesmente uma adaptação das condições internas ao meio ambiente, mas uma *força interna* que, como uma *potência* dentro de *si mesmo*, tem a capacidade de incorporar uma parcela cada vez maior do exterior em um processo articulado de intensificação e de crescimento de si próprio.

3.3 Dina Czeresnia

Seguindo o roteiro de Nietzsche e Canguilhem, se agrega a pesquisadora da Fiocruz e médica brasileira Dina Czeresnia²⁵ quando afirma que, em sua forma mais elementar, a vida é uma condição de discernimento entre possibilidades. Em outras palavras, ao crescer e se desenvolver, o ser vivo não se torna outro, mas mantém o *modo de ser* como *possibilidade*.

O vivente tem a potência de constituir ou não o outro em si mesmo com o fim de se nutrir, crescer, evolucinar.

Para nós, é necessário interpretar a vida não como uma expressão ontológica estática porque ela é ao mesmo tempo dimensão do *ser* e do *dever*.

A vida sendo um *e* é uma composição, um fluxo entre, pois o ser vivo existe como uma relação estabelecida com algo que o constitui.

Portanto, a *vida* é *ser e tempo desde a primeira célula*.

A liberdade de escolher aquilo que faz a vida perseverar é uma evanescente fronteira movediça entre *ser* e *não ser*.

4 Considerações finais

Esta pesquisa, respeitando os limites de um texto didático, teve a intenção de examinar o sentido ou o valor da vida em alguns períodos históricos articulando a sua relação com a moral para compreender e ultrapassar o modelo da nossa forma de vida hoje.

O estudo histórico deste trabalho confirmou a moral tradicional oriunda de várias fontes (filosofia, religião, ciência e política) como responsável por restringir, cercear o valor da vida, projetando o seu sentido na cultura ocidental como uma *forma de vida* submissa causando o “assujeitamento” do homem.

Contudo, o aspecto relevante da investigação foi tornar visível o caráter de fonte originária da vida com valor intrínseco.

Para a vida, o valor é uma *condição física* própria. Em outras palavras, o conceito de normatividade vital afirma o *valor* como algo inerente ao *ser biológico*.

Assim, se atinge outro patamar para interpretar o conceito vida como uma força do organismo, uma exigência fisiológica ligada à conservação da sua própria forma, com isso agregando-lhe um novo sentido ou valor.

Aqui se considera a vida conquistando a sua forma por intermédio de processos como apropriação, agressão ou incorporação característicos do vivente enquanto função orgânica elementar.

A implicação dessa dinâmica vital sendo *vontade de potência* é justamente um *valor: a vontade da própria vida*.

²⁵ Cf. CZERESNIA, D. *Categoria vida: reflexões para uma nova biologia*. São Paulo: Editora Unesp; Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2012.

Esta descoberta torna compreensível o antagonismo, o conflito que se põe entre a vida e o campo da moral com os seus códigos, regras, normas etc. porque tais determinações negam as possibilidades próprias da vida quando fixam e impõem valores soberanos a ela.

Portanto, agora se desvela o que as representações tradicionais da religião, da ciência, da educação, da política e da própria filosofia ocultavam: os seus dispositivos morais impõem à vida um valor regulatório de submissão aos seus interesses.

A partir disso, se torna possível a ultrapassagem da relação de subserviência da vida frente a moral, implicando a perspectiva de resistência, de linha de fuga ou de liberdade por intermédio de sua própria potência ou poder.

A vida é um conjunto de experimentações que o ser humano vivencia produzindo formas em sua própria atividade.

A vida vive, acontece.

É necessário celebrá-la e viver de tal modo que o sentido não seja outro senão o seu próprio gesto intrínseco, pois é justamente este acontecimento o algo que valoriza a vida.

4.1 As implicações da pesquisa para o saber da *ética-da-vida* ou *aionética*

Destacam-se três implicações articuladas do estudo para a *ética-da-vida* ou *aionética*.

A primeira é a superação do modelo de *forma de vida* tradicional do *bíos*.

Ao esclarecer e desvelar o fenômeno vital por intermédio da interpretação do conceito de *vontade de potência* se produz e se inventa a forma de vida expressando-a na linguagem também com a grafia hifenizada: *forma-de-vida*.

Contudo, é necessário frisar: a *forma-de-vida* não é uma prescrição absoluta da biologia, pois “os modos singulares, atos e processos do viver nunca são simplesmente *fatos*, mas sempre e primeiramente *possibilidade* de vida, (...) *potência*.”²⁶

A segunda implicação é o desmascaramento da relação entre a moral e a vida. Isto possibilita à *aionética* resistir ao *biopoder* com uma estratégia - o *exercício de experiência ética* do PensArteCorpo - oriunda da sabedoria de vida que ultrapassa os dispositivos estabelecidos pela moral e supera o molde que nos captura e nos encarcera no presente.

E a terceira é o desafio que se exige ao recusar o modelo tradicional da verdade metafísica para construir ou, melhor, *inventar* um novo critério de referência para o valor da vida.

O valor ou o sentido da vida para o ser humano é um *quantum* de potência que se produz como *intensidade*, como vontade de *excelência*, como um êmulo de *devoir*, como uma *invenção de si-mesmo*, capacitando-o para ultrapassar os sentimentos da carga moral pesada, nociva.

Para nós, o empreendimento ético para o século XXI é articular a transversalidade dos vários saberes culturais em busca de compreender e justificar a *vida humana* como uma complexa composição de *corpo*, de *mente*, de *emoções*, de *sentimentos*, de *memória*, de *consciência*, de *linguagem*, de *sociabilidade*, de *criatividade* etc.

Eis o projeto da *ética-da-vida* ou *aionética* para o *além-homem*: viver e celebrar a *vida na imanência*.

²⁶ AGAMBEN, G. *Meios sem fim: notas sobre a política*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015, p.14.